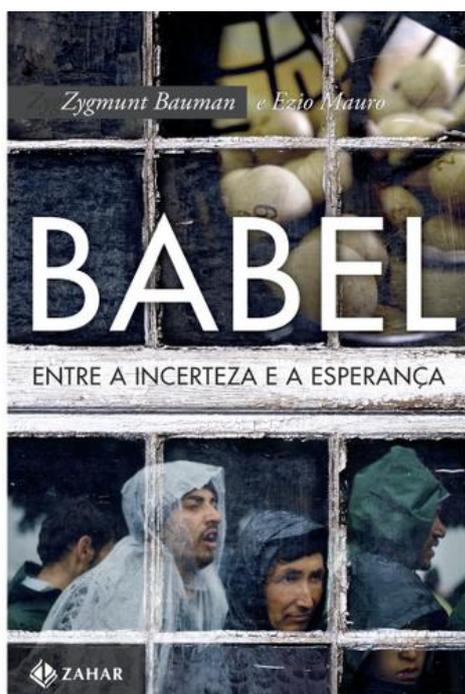


BABEL: entre a incerteza e a esperança. BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 150p.

Mazinho Valdemar Viana
 Universidade Federal da Grande Dourados
mazinhovaldemar@hotmail.com



Na obra denominada Babel: entre a incerteza e a esperança, Zygmunt Bauman e Ezio Mauro realizam uma contextualização sobre as questões contemporâneas dando ênfase e destaque para o diálogo como ferramenta essencial para enfrentarmos alguns desafios na atualidade. Dentre esses desafios, destacamos a grande competitividade, o individualismo e as incerteza e solidões.

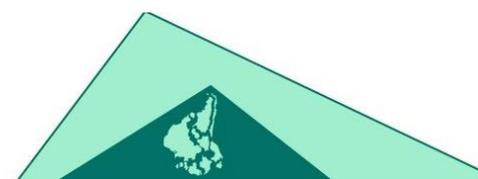
No capítulo inicial, denominado “Num espaço desmaterializado”, os autores apresentam um diagnóstico e evidenciam os perigos que a democracia sofre, perante o seu enfraquecimento. O diálogo é iniciado a partir da crise que enfrentamos, onde essa afeta, os principais mecanismo para melhorar e desenvolver a democracia nos países, com o objetivo de nos proteger, apresentando, desta maneira, a autossuficiência da democracia, onde os governos democráticos mantêm-se instáveis, já que tudo se encontra fora do controle. Na página 13, os autores evidenciam que “a democracia está sob ataque”

e analisam se essa democracia ainda seria capaz de pensar sobre si mesma, e de recuperar o poder de governar, de fato.

A fim de realizar tais procedimentos analíticos sobre o enfraquecimento da democracia e uma possível possibilidade dela se reinventar, os autores recorrem à relação de “Liberdade versus Segurança”. Os autores enfatizam que nós vivemos em uma relação oscilante, desde a busca por mais liberdade, à angústia por mais segurança. Um exemplo da nossa decepção seria a relação que temos com as eleições contemporâneas, onde grande parte dos eleitores votam por uma questão de hábitos adquiridos e não por uma esperança de melhorias e mudanças. Na pior das hipóteses, vai-se às urnas para a escolha de males menores, acentuando-se cada vez mais a distância entre “os que votam e os que são postos no poder pelo seu voto”(p. 15). Segundo os autores, essa apatia política, não seria novidade, mas, a situação seria contemplada com um novo elemento, ou seja, a falta de confiança nos partidos políticos e nos próprios governantes. Se, de antemão, a “passividade era baseada na confiança de que governos e parlamentos podiam realizar a tarefa”(p.23), atualmente prevalecem o sentimento de frustração e de traição por promessas democráticas não cumpridas. Nesse capítulo, a solução estaria na nossa própria capacidade de “pensar e agir acima das fronteiras dos Estados Territoriais”(p.24).

No segundo capítulo, denominado “Num Espaço Social em Transformação”, os autores dão ênfase a uma sociedade de consumidores e o aumento das desigualdades. Os autores reconhecem que sempre ocorreram desigualdades na nossa sociedade, em especial na ocidental, no entanto, havia uma tolerância em função de haver uma grande oferta de oportunidades, levando os menos favorecidos a confiarem no futuro, acreditando que suas gerações posteriores obtivessem a ascensão na vida. Com base nos autores, desenvolvemos uma nova forma de nos relacionar com a exclusão e as desigualdades, intensificando a individualidade e o uso da expressão “cada um por si”.

Toda essa visão pessimista, apresentada no capítulo é contraposta no próprio capítulo por uma visão otimista em “Imortalidade da Esperança”(p.53). Quando se fala do termo esperança, os autores destacam a noção de “natureza prática” de Antônio



Gramsci, e enfatizam que essa compreensão é um certo realismo para que levemos essas transformações a sério.

Não devemos sentir-nos incapazes ou desobrigados ao perceber o quanto a tarefa que se impõe parece ser difícil, pelo contrário, precisamos enxergar e ver as dificuldades da tarefa como começo e não como fim. Outro elemento abordado pelos autores é a responsabilidade. Para eles, é grande o número de pessoas desobrigadas de tais responsabilidades. Essas pessoas ocupam um lugar específico na vida social: a plateia, que observa os acontecimentos sem esperar ser acusada de participação, se sentindo livre para expressar suas emoções, seja atraente ou não, culpabilizando os responsáveis pelo espetáculo. A ausência de um grande agente coletivo capaz de mobilizar-se em prol de um objetivo em comum, foi substituído por “massas de solitários interconectados, por agentes solitários constantemente em contato”(p.78).

No terceiro capítulo da obra os autores tratam da conexão entre os indivíduos, ou seja, os solitários e o estabelecimento a partir da construção de redes. Os membros seriam frágeis, podendo ser redefinidos a qualquer momento, de acordo com interesses maiores. Nesse sentido, as redes se apresentariam como uma extensão de cada indivíduo. “Uma rede não é um espaço para desafiar as ideias recebidas e as preferências de seu criador. Ela é antes uma réplica ampliada ou um espelho de aumento daquele ou daquela que a teceu, povoadas exclusivamente por pessoas da mesma opinião[...]” (p.85). Qualquer membro da rede que sustente uma opinião contrária facilmente será excluído, deixando de fazer parte da mesma. Os autores constatam que o relacionamento por meio das redes, produz uma nova forma de nos relacionarmos com a informação e o conhecimento. Dessa maneira, estamos presenciando “o fim da hierarquia, da verticalidade da informação em nome da horizontalidade da comunicação” (p. 103).

A busca incessante por mercados acaba tornando a informação e o conhecimento em grandes fontes de lucro, em vez, de serem amplamente divulgados e compartilhados, a exemplo os três grandes editoriais: Elsevier, Springer, Wiley-Blackell que mantém o monopólio das principais publicações, reduzindo as informações obtidas na internet,



levando as pesquisas a baixa inferioridade e muitas vezes não confiáveis. “Há fortes razões para suspeitar que, quando se trata de capacidades humanas baseadas em conhecimento, a internet como um todo esteja mais engajada em cavar fossas do que construir pontes” (p. 108).

O diálogo construído entre Bauman e Mauro fornece a construção de uma Babel atual, na qual as relações estabelecidas na rede impossibilitam o diálogo, nos distanciando da Babel contemporânea que habitamos. Dessa maneira, Bauman e Mauro concluem a obra destacando a necessidade de recuperar “um diálogo que tenha chances de apoiar uma coabitação mutuamente benéfica, ao mesmo tempo em que ajuda a escapar das armadilhas da proximidade das diferenças” (p. 128). Esse diálogo teria três características básicas, baseadas no pensamento social de Richard Sennett. O diálogo precisaria constituir-se informal e sem regras e procedimentos; aberto, aprendendo e admitindo erros; e cooperativo, onde vencedores e perdedores sairiam enriquecidos dessa experiência. A obra pode contribuir em novas formas de os seres humanos se relacionarem, principalmente quando os autores estabelecem a ideia da rede, propondo um “diálogo sério, com disposição favorável, buscando compreensão mútua e o benefício recíproco”.

Uma boa leitura.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 150p.

Recebido em abril de 2023.

Revisão realizada em maio de 2024.

Aceito para publicação em junho de 2024.